

13ª Mostra da Produção Universitária

Rio Grande/RS, Brasil, 14 a 17 de outubro de 2014.

SINDICATO E MULHERES NA INDÚSTRIA DE CONSTRUÇÃO NAVAL DE RIO GRANDE (RS): ROMPENDO FRONTEIRAS.

ALMEIDA, Andressa Cristiane Colvara
VELEDA DA SILVA, Susana Maria (orientador)
andressacolvara@yahoo.com.br

Evento: Encontro de Pós-Graduação
Área do conhecimento: Geografia Política

Palavras-chave: sindicato; mulheres; indústria de construção naval.

1 INTRODUÇÃO

O retorno da indústria de construção naval brasileira é um fato comprovado tanto em número de empregos gerados no setor como pelo volume de sua produção (JESUS, 2013). Desde o fim da década de 1990 houveram políticas nacionais direcionadas à sua consolidação e, nos últimos dez anos, isso é visível principalmente quanto ao número de empregados, que são, segundo a Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), em sua grande maioria, do sexo masculino. Nessa dinâmica em que se inter-relacionam os poderes do governo a nível federal e a negociação entre sindicatos e empresas, algumas questões, por vezes, são deixadas de lado. A participação ativa das mulheres em seu espaço de representação enquanto trabalhadora é uma delas. A pouca presença de mulheres no setor de construção naval faz considerar como estas enfrentam os desafios diários enquanto trabalhadora. Instiga-se, portanto, como estas se relacionam com seu representante das questões laborais, sendo este considerado um espaço masculino. Nesta escrita, trago os primeiros passos realizados para minha pesquisa no mestrado em Geografia, cujo tema envolve a participação de mulheres no sindicato dos trabalhadores da indústria de construção naval de Rio Grande (RS) (STIMMMERG).

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Sendo um local privilegiado de decisões políticas, os sindicatos tornaram-se espaços de dominação masculina (salvo exceções como o de docentes). Segundo Humphrey “[...] as atividades sindicais são geralmente associadas aos homens, gerando em muitas mulheres a relutância em entrar em um mundo masculino” (1983, p. 52). A ínfima presença de mulheres em sindicatos está baseada nas Relações de Gênero, que implicam em uma assimetria, em que há primazia do masculino sobre o feminino, resquício de um pensamento patriarcal¹. Desse modo, imbricam-se relações de poder em diferentes escalas, *geografizando*, imbricam-se territorialidades. Raffestin diz que “a territorialidade se manifesta em todas as escalas espaciais e sociais; ela é consubstancial a todas as relações” (1993, p. 161). Lopes de Souza (2013) destaca a questão central necessária a ser feita sobre a territorialidade: *‘quem domina ou influencia quem nesse espaço, e como?’*.

¹ Saffioti (2004) traz a importância de se estabelecer um nome à dominação masculina e, assim, não tornar naturalizada a dominação-exploração desta relação.

13ª Mostra da Produção Universitária

Rio Grande/RS, Brasil, 14 a 17 de outubro de 2014.

3 MATERIAIS E MÉTODOS (ou PROCEDIMENTO METODOLÓGICO)

A partir da metodologia proposta por Denzin e Lincoln (2006), que apontam a possibilidade da utilização de diversas fontes para se obter um melhor resultado na busca pela compreensão da realidade, na pesquisa, lançamos mão de técnicas qualitativas como a entrevista e a observação, o acompanhamento dos relatos dos dirigentes sindicais por redes sociais, além de fontes em jornais e revistas locais. Os dados quanto a números de trabalhadores, baseiam-se na metodologia utilizada por JESUS (2013) seguindo a Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE) disponibilizada pela RAIS.

4 RESULTADOS e DISCUSSÃO

As políticas nacionais podem interferir ou não nas práticas das mulheres quanto ao sindicato. Se, por um lado, há a inserção feminina no setor de construção naval, incentivado por decisões econômicas no âmbito nacional, a legislação vigente não consegue alcançá-las e ampará-las quanto deveria. Uma das principais questões apontadas foi em relação ao assédio sofrido pelas mulheres. O sindicato atua dentro de suas possibilidades e enfrenta desafios que são conseqüentes das Relações de Gênero.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O espaço sindical do STIMMERG configura-se, até o conhecimento aqui alcançado, em uma territorialidade masculina. A ainda ínfima participação das mulheres no setor naval e a constituição do sindicato como local privilegiadamente masculino não permitem a efetiva ação das mulheres em lutar por seus direitos enquanto trabalhadora. A intenção trazendo este tema não é de dividir a classe trabalhadora, ao contrário, é destacar o que afeta e define a não presença das mulheres neste espaço reivindicativo e tentar encontrar possíveis soluções, com a finalidade de agregá-las na luta diária por melhores condições de trabalho, ou seja, junto a todos os demais trabalhadores, independente de cor, religião ou orientação sexual.

REFERÊNCIAS

- DENZIN, Norman e LINCOLN, Yvonna (org). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- HUMPHREY, John. Sindicato: um mundo masculino. **Revista Novos Estudos**. Vol. 2, 1, p. 47-52. São Paulo: Cebrap, 1983.
- JESUS, Claudiana Guedes de. **Retomada da indústria de construção naval brasileira: reestruturação e trabalho**. Tese de doutorado em Política Científica e Tecnológica, Campinas: IG/UNICAMP, 2013.
- LOPES DE SOUZA, Marcelo José. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.
- RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.
- SAFFIOTI, Heleieth. I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.